

Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade

**Francisco de Oliveira, Maria de Fátima
Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
(coord.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A VIOLÊNCIA NA JUVENTUDE: O RISO COMO ARMA SIMBÓLICA (Violence in youth: laughter as a symbolic weapon)

PRISCILLA GONTIJO LEITE¹
Universidade de Coimbra

RESUMO: A violência é expressa através de diferentes sentidos, atingindo um nível físico, verbal ou simbólico. O objetivo do texto é identificar as formas de violência e entender como a violência simbólica é eficaz para atingir um inimigo. Para isso, será utilizado o discurso de Demóstenes *Contra Cónon*, que conta com uma riqueza de detalhes a descrição de uma agressão com traços de *hybris*. No parágrafo 9, tem-se a descrição da imitação de um galo realizado pelos inimigos de Aristón após sorrá-lo. Essa descrição é essencial para caracterizar os adversários como pessoas violentas e ultrajantes, demonstrando como o riso constitui uma arma utilizada entre os inimigos com o objetivo de se ofenderem e que era muito comum no jogo das rivalidades promovido por grupos de jovens.

PALAVRAS CHAVE: Demóstenes, retórica, inimizade, *hybris*

ABSTRACT: Violence is expressed through different senses, reaching a physical, verbal or symbolic level. The aim of this paper is to identify the forms of violence and understand how symbolic violence is effective to reach an enemy. In order to do this, it will use the speech of Demosthenes *Against Conon*, that describes in detail an attack involving *hybris*. In the 9th paragraph, there is a description of the imitation of a cock done by the enemies of Ariston after beating him. This description is essential to characterize their opponents as violent and outrageous people, demonstrating how laughter is a weapon used between the enemies to offend each other, and how that was very common in the field of rivalry promoted by youth groups.

KEY WORDS: Demosthenes, rhetoric, enmity, *hybris*.

A violência é identificada facilmente, em um grande número de sociedades, seja no presente ou no passado, como um crime. A forma de expressar a violência se dá através de diferentes sentidos, sendo algumas toleradas. Apesar de poder ser admitida, em todos os casos, até os considerados mais brandos, a violência gera um sentimento de desconforto entre os membros da sociedade,

¹ Doutora em Mundo Antigo pela Universidade de Coimbra com a tese “Ética e retórica forense: *asebeia* e *hybris* na caracterização dos adversários em Demóstenes”, sendo aprovada com Distinção e Louvor, por unanimidade. Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais com a dissertação “*Contra Mídias*: a utilização da impiedade por Demóstenes”. Possui graduação em História com habilitação em licenciatura pela mesma universidade. Participou de projetos para a divulgação da cultura helênica, tais como “Prometeu Libertado” e “Trupersa, trupe de tradução em teatro antigo”. Tutora do curso de Especialização em Estudos Clássicos promovido pela Universidade de Brasília. Os principais interesses de pesquisa são: a religiosidade grega, retórica em Demóstenes, sistema judiciário e a concepção de cidadania em Atenas.

de que algo não estaria certo e em razão disso, como forma de controle, ao praticar-se um ato violento espera-se que o grupo humano puna o agressor.

Sobre este tema, o discurso *Contra Cónon* é fonte importante para se entender a violência entre os jovens na competitiva sociedade ateniense (e nos dias de hoje igualmente se utilizarmos um raciocínio em analogia²), já que a demonstra de diversas maneiras: física, verbal e simbólica. O discurso chama a atenção pela riqueza de detalhes na descrição da agressão que, muito frequentemente, vem carregada de *hybris* seja na atitude do agente seja naquela que transparece na descrição do narrador. A violência simbólica máxima que se poderá perceber nesse ensaio está relacionada com o riso do agressor e também por transformar o agredido em motivo de piada diante de seus pares. É, então, o objetivo do presente texto, identificar essas formas de violência e entender se a violência simbólica é eficaz para atingir um inimigo.

O *Contra Cónon* (geralmente identificado com o número 54 no *corpus Demosthenicum*) foi elaborado por Demóstenes enquanto exercia a atividade de logógrafo, provavelmente no ano de 341 a.C.³ O discurso trata de uma forte agressão que contém traços de *hybris* pela forma pela qual foi perpetrada. Aríston foi brutalmente surrado por Cónon e seus filhos, que ainda roubaram suas vestes e o deixaram nu, na lama. A agressão foi tão grave que durante um tempo Aríston ficou acamado (1, 25), pelo que todos consideram que ele sofreu um ultraje

[...] mas em primeiro lugar, antes mesmo de obter o direito de intentar uma ação contra ele, quando eu estava acamado e não sabia se estaria curado, eu demonstrava a todos aqueles que apareceram diante de mim que ele me bateu primeiro e que dele recebi os maiores ultrajes (ὕβρισμην).⁴

Antes de sofrer essa agressão da parte de Cónon, ele também já tinha sido agredido por seu filho Ctésias durante o período da efebia do rapaz.

Não é possível estabelecer com precisão se o jovem que encomendou o discurso, Aríston, ou alguém próximo a ele, possuía alguma relação com o grupo político ou de amizade de Demóstenes. Por isso, é difícil esclarecer se o discurso foi ou não um instrumento político com o intuito de afetar o

² Atualmente, há um intenso debate em torno do *bullying* e de suas consequências para as vítimas seja no desempenho da vida escolar ou nas suas relações pessoais. No *bullying* é constante o riso ser utilizado por um grupo de jovens com o intuito de ridicularizar a vítima, constituindo assim, uma violência simbólica capaz de deixar profundas cicatrizes.

³ Forster 1943: 25.

⁴ Demóstenes, *Contra Cónon*: 28. ἀλλὰ πρῶτον μὲν πρὸ τοῦ τὴν δίκην ληχθῆναι, ἢνίκ᾽ ἀσθενῶν ἐγὼ κατεκείμεν, καὶ οὐκ εἰδὼς εἰ περιφεύξομαι, πρὸς ἅπαντας τοὺς εἰσιόντας τοῦτον ἀπέφαινον τὸν πρῶτον πατάξαντα καὶ τὰ πλείεθ᾽ ὧν ὕβρισμην διαπεπραγμένον. Tradução própria.

grupo adversário, do qual Cónon poderia fazer parte. É possível levantar essa hipótese, já que a ação foi dirigida contra Cónon, o pai de Ctésias, um dos jovens agressores. Ao longo do discurso, ele justifica suas razões de processar o pai, no lugar do filho. Para ele, Cónon, além de ser culpado por praticar a violência, também tinha a responsabilidade de introduzir o filho num ambiente de hostilidades intensas, incentivando o filho a participar de grupos de jovens que rivalizando-se com outros grupos, chegam às vias de fato, ou seja, vão aos limites dos combates corporais (17). Por causa da atitude do filho, Aríston acusa o pai de não oferecer a educação necessária aos seus filhos, que cometiam atos reprováveis na frente da autoridade paterna sem qualquer pudor (23).

A posição social e política de Cónon e de sua família não é demonstrada de forma precisa no discurso, o que torna ainda mais difícil estabelecer se havia uma inimizade política além de uma inimizade pessoal, como no caso de Demóstenes e Mídias, ou mesmo, do orador com Ésquines. Contudo, o discurso oferece pistas que indicam que tanto a família de Cónon quanto a de Aríston possuíam uma boa condição financeira, arcando com os custos altos das liturgias. No parágrafo que finaliza o discurso (44), para reafirmar sua condição de cidadão respeitoso, Aríston assegura que ele e seu pai, enquanto ainda estava vivo, custearam uma trierarquia, participaram do exército e sempre obedeceram as leis. Já a família de Cónon, segundo o acusador, nunca se preocupou em cumprir os deveres dos cidadãos. O argumento indica que Cónon tinha dinheiro suficiente para a trierarquia, mas optou por não assumir esse serviço público. Com essa operação é apresentada mais uma característica reprovável do comportamento do adversário: a falta de preocupação com os negócios da cidade, refletida também na sua ausência de habilidade para lidar com cidadãos, ultrajando-os.⁵

Diante das informações que chegaram até nós, o mais prudente é tratar o discurso como uma desavença pessoal resultante de conflitos promovidos por grupos de jovens rivais. Mas se o discurso for assim pensado, como uma desavença pessoal isolada, pode haver o risco de se adotar somente o ponto de vista de Aríston sobre a briga. Infelizmente, como acontece na maioria dos conflitos registrados nos discursos forenses, não possuímos as duas versões para o ocorrido. Nesse caso, não se tem a defesa de Cónon para considerarmos os motivos que conduziram ele e seu filho a agredir Aríston, e com isso, também avaliar sua responsabilidade pelo desenvolvimento do conflito. Acrescente-se que o próprio discurso oferece elementos para questionar inclusive a participação

⁵ O argumento de que o cidadão que trata de forma desrespeitosa os outros e também tem uma postura inadequada com os negócios da cidade, já que está mais preocupado com a resolução de seus assuntos privados. Esse argumento aparece também em Demóstenes, *Contra Mídias*: 154, 156, 158, 159 e 167.

de Aríston no episódio da agressão. As desavenças entre Cónon e Ctésias começaram dois anos antes de o processo ser levado ao tribunal.⁶ Esse intervalo de tempo sugere que talvez a rivalidade entre os dois jovens seja maior do que Aríston apresenta no discurso.

Ainda assim, a ausência do discurso de Cónon não é um empecilho para a análise. Especificamente nesse caso, Demóstenes antecipa os possíveis argumentos de Cónon para defender sua atitude e de seu filho (13, 14, 21, 30, 31, 32). O orador, a partir da presumível argumentação de Cónon, reforça a acusação e as características negativas do adversário. A base para essa operação é feita por meio do argumento de Cónon de que existem em Atenas vários jovens, filhos de homens respeitáveis, que se divertem desse modo, reunindo em grupos que são por eles denominados “*itthyphalloi*” (à letra, ‘portadores de falos eretos’) e “*autolekytoi*” (literalmente, ‘os que levam o próprio lécito’, portanto ‘sujeitos pobres’, por não terem escravos para desempenhar por eles essa função, ou até mesmo ‘parasita’) (14, 17, 20). Esses grupos, na busca pela diversão, ficam embriagados, perseguem cortesãs e procuram pregar peças nos outros. Dessa forma, as agressões cometidas não seriam ultrajes, mas brincadeiras inocentes. Possivelmente essa argumentação teria um impacto positivo nos juízes, já que na mentalidade ateniense, a juventude é caracterizada como uma idade propensa ao exagero e a falta de controle. Tais elementos são evidenciados na descrição do caráter do jovem proposto na *Retórica* (Livro II: 1389b):

Mais do que noutras idades, amam os seus amigos e companheiros, porque gostam de conviver com os outros e nada julgam ainda segundo as suas conveniências, e, portanto, os seus amigos também não. Em tudo pecam por excesso e violência, contrariamente à máxima de Quílon: tudo fazem em excesso; amam em excesso, odeiam em excesso e em tudo o resto são excessivos; acham que sabem tudo e são obstinados (isso é a causa do seu excesso em tudo). Cometem injustiças por insolência, não por maldade (καὶ τὰ ἀδικήματα ἀδικούσιν εἰς ὕβριν, οὐ κακουργίαν). [...] Gostam de rir, e por isso também gostam de gracejar; com efeito, o gracejo é uma espécie de insolência (ὑβρις) bem-educada.⁷

Na descrição, os jovens naturalmente estão predispostos a cometerem a *hybris* e é por causa dela que são levados a praticarem injustiças e violências. O autor também destaca uma característica da juventude que será ressaltada por Demóstenes no decorrer do discurso. Os jovens são propensos ao riso e podem realizá-lo de uma maneira inadequada, numa situação em que é inconveniente. Também complementa que o riso é uma insolência bem-educada, isto é, uma forma de *hybris* que pode ser socialmente aceita. Todos esses aspectos são

⁶ Cohen 1997: 131.

⁷ Tradução de Júnior, Alberto e Pena (2005).

utilizados pelo orador na descrição da imitação do galo que será analisado no tópico a seguir.

Para reverter essa argumentação que seria favorável a Ctésias e seus irmãos e demonstrar a falta de Cónon, o orador afirma que aos jovens que cometeram um ultraje é válida a aplicação de um atenuante na pena, mas isso não significa que as ações devam ficar impunes (21). Prosseguindo com seu argumento, diz que se essa atitude excessiva é esperada para um jovem, enquanto o contrário deveria ser o suposto para uma pessoa de mais idade, como demonstração de sua sensatez. Entretanto, Cónon, com os seus cinquenta anos, não repreende as ações dos filhos, mas pelo contrário, os incentiva a realizar tais brutalidades (22). Por causa de sua postura, Cónon é ainda mais culpado, pois deveria representar a prudência e sua ação foi sinônima da *hybris* e por isso é merecedor da pena capital (1).

A utilização da idade como um argumento para a construção das características pessoais que seriam favoráveis e contrárias a *polis* também foi adotada pelo orador no *Contra Mídias*. Nele, o adversário é apresentado como um velho, desertor de campanhas, que não cumpre de forma adequada com suas liturgias e que está sempre cometendo atos de *hybris* (166). Já Demóstenes é apresentado como um jovem, interessado em defender os ideais democráticos da cidade.⁸

O *topos* da diferença de idade foi também utilizado por Antifonte em um caso de agressão entre um jovem e um idoso, que teve como desfecho a morte do último. Nos argumentos desenvolvidos pela família do morto era importante destacar que foi o jovem quem iniciou a briga, argumento forte para considerá-lo o responsável pela ação e imprudente na sua condução, a saber, dar fortes socos em alguém com a condição física já tão debilitada. Nessa operação, a família ressalta a natureza explosiva dos jovens, que ainda não sabem conter os seus excessos a contrapelo da sensatez dos velhos, sendo improvável, então, que o velho, mesmo embriagado iniciado o combate:

Pois o orgulho natural aos primeiros [aos jovens] a plenitude de sua força e a inexperiência na embriaguez os excitam a satisfazer os ímpetos do coração; já os segundos [os velhos], pela experiência no excesso de vinho, pela fraqueza da velhice e pelo medo da força dos jovens, restam temperantes.⁹

⁸ A questão da diferença de idade entre Mídias e Demóstenes oferece um dos aspectos muito debatidos do discurso. A idade entre eles é apresentada no parágrafo 154, no qual o orador afirma ter 32 anos e haver feito mais liturgias que Mídias, que tem 50. A idade apontada pelo orador não corresponde ao período em que o discurso foi escrito se ele tivesse mesmo essa idade. Provavelmente Demóstenes mentiu sobre ela com o intuito de fazer com que a diferença entre a idade dos dois seja maior do que realmente era e assim constituir mais um elemento para a polarização entre o bom e o mau cidadão.

⁹ Antifonte, *Tetralogia III*: 3, 2. Tradução de Ribeiro (2008).

Outro aspecto que poderia ser utilizado na defesa de Cónon era a valorização da inimizade entre Aríston e Ctésias, já que uma violenta agressão seria a resposta esperada quando se tem desavenças entre dois jovens. Possivelmente esse elemento teria uma ressonância favorável nos juízes como nos é apresentado nos casos em que a agressão é um elemento importante.¹⁰

Todos os aspectos ressaltados por Demóstenes como parte de uma possível argumentação de Cónon foram selecionados de maneira a compor todos os elementos que seriam mais persuasivos para a audiência, trabalhando os aspectos que os cidadãos atenienses consideravam essenciais para o conflito entre dois jovens e para determinar que Cónon e seu filho ultrapassaram todos os limites toleráveis.

O pesquisador ao trabalhar essa parte que levanta várias especulações sobre o processo jurídico deve-se concentrar mais nas expectativas das respostas prováveis nos discursos, e que corresponderiam àquilo que a audiência esperava ouvir sobre determinado conflito¹¹ do que estabelecer de forma contundente as razões que conduziram ambas as partes para o tribunal. É, portanto, a partir dessas expectativas que se tem a possibilidade de reconstruir o cenário político, social, cultural e religioso da Atenas clássica, já que elas demonstram os aspectos que teriam maior ressonância no corpo de juízes.

A própria discussão sobre o tipo de processo a ser demonstrado no tribunal foi utilizada por Demóstenes para apresentar as características dos envolvidos.¹² No discurso, Aríston acusa Cónon de agressão, sendo a ação apresentada uma *dike aikeias*. Essa ação era de cunho privado e deveria ser movida pela própria pessoa que sofreu a violência física. Era culpado aquele que foi o primeiro a desferir o golpe, como também é comprovado pelos exercícios teóricos de Antífonte: “o que deu o primeiro golpe, sendo culpado pelos fatos, deve ser condenado pela lei.”¹³ Na confusão de ânimos que

¹⁰ Cohen 1997: 130.

¹¹ Cohen 1997: 120.

¹² Uma estratégia semelhante foi desenvolvida no *Contra Mídias*: 25 a 26 e em Antífonte, *Acerca do assassinato de Herodes*: 9-10. Rubinstein (2005) analisa que os diferentes tipos de procedimentos e os casos envolvidos no tribunal demandam diferentes tipos de estratégia. É demonstrado que há três grandes áreas em que a escolha do procedimento e a natureza do litígio influenciaram a estratégia do orador: primeiro o litigante apela para os juízes com demonstrações de raiva e de desejo de vingança pelo comportamento do adversário. Segundo, a representação do resultado do caso como um ato de punição ao adversário. Por fim, a representação do papel educacional dos juízes, no sentido de que o veredicto irá instruir o comportamento dos cidadãos, podendo estes serem aceitáveis ou não pela *pólis*. Já o estudo de Todd (1990) detalha que a escolha do processo também influencia na forma em que as provas, como os testemunhos, serão expostos para os juízes.

¹³ Antífonte, *Tetralogia III*: 3, 2. Tradução de Ribeiro (2008). Outro argumento semelhante, mas desenvolvido pela defesa está na *Tetralogia III*: 2: 1 “Pois ele começou com o primeiro golpe e, se o repeli com ferro, pedra e pau, não fui injusto por isso; com efeito, é justo que os

normalmente envolvem as brigas, é difícil determinar quem foi o primeiro a começar, por isso era comum que os participantes da briga se processassem mutuamente, como sendo um e outro os responsáveis pelo estopim.¹⁴ A penalidade para esse delito era o pagamento de uma multa determinada pelos juízes a quem tinha sido agredido.

No primeiro parágrafo, Aríston afirma que diante da agressão sofrida poderia mover contra Cónon uma *graphe hybreos* ou então uma *apogoge lopodyton*. A primeira por causa dos insultos e da violência recebidos e a segunda por assalto, já que suas roupas foram roubadas depois da agressão. Ao longo do discurso, Cónon é apresentado como um malfeitor que é realmente culpado por esses dois delitos e não somente pela *dike aikeias*. No parágrafo 24, há inserção de uma lei que comprovaria sua culpa nos dois quesitos e ainda uma terceira possibilidade de acusação que também aparece no discurso. Aríston argumenta que ficou gravemente ferido e passou um tempo acamado, sendo a sua recuperação desacreditada por todos, inclusive pelo médico que o socorreu (1, 11, 12, 28). Como tal, poderia processar Cónon por uma tentativa de homicídio (20-25) e, dessa forma, o caso deveria ser apresentado ao Areópago. Para se justificar, utiliza um exemplo, no parágrafo 25, de que o pai de uma sacerdotisa de Ártemis foi banido pelo Areópago por apenas ter incentivado o algoz a bater na sua vítima. E prossegue sua argumentação, considerando a decisão justa, pois se deixarem agir livremente aqueles que realizam atos nefastos, seja pela influência do álcool ou do temperamento ultrajante, não haverá qualquer esperança de os ultrajados conseguirem justiça. E ele finaliza esse trecho, afirmando que a situação em que se encontra também é semelhante ao do exemplo citado.

A insistência em explorar as duas primeiras possibilidades e não insistir na acusação de assassinato indica que essa terceira hipótese deveria ser fraca e seria rebatida facilmente por Cónon ao demonstrar a parcela de responsabilidade de Aríston na rivalidade com seus filhos e principalmente contra Ctésias, argumento que os juízes teriam propensão em aceitar. Ainda assim, pode-se estabelecer dois principais objetivos com a inserção dessa possibilidade de escolha processual no discurso. O primeiro e o mais fácil de ser observado é uma tentativa do orador em apresentar os delitos de Cónon como mais graves e ofensivos a coletividade do que a proposta da *dike aikeias* pressupõe. O segundo é a construção de elementos que polarizam as características de ambos.

que começam uma briga sofram em contrapartida não as mesmas coisas, mas maiores e mais numerosas. Espancado pelas mãos dele, com as mãos revidei o que sofri: qual dos dois cometeu injustiça (*edikoun*)?" Nesse trecho ainda, nota-se o alto grau de violência de uma briga, pois ele utilizou de outros instrumentos para causar um dano maior no seu adversário.

¹⁴ MacDowell 1986:123.

Nesse sentido, Aríston se auto-apresenta como um jovem modesto e respeitável. Afirma que sabe ouvir os conselhos de seus amigos e parentes, e que por isso, é uma pessoa precavida, já que sempre busca a melhor alternativa para a situação. Acrescenta que se os mais próximos a ele avisavam-no de que uma ação pública poderia requer uma complexidade processual e que por causa da sua pouca idade e de sua condição física abalada, poderia demandar mais de si do que ele estaria em condições de poder suportar (1) e isso pesava-lhe nas decisões. Deste modo e diante da gama de possibilidades ao seu dispor, ele escolheu a que exigia uma pena menor, já que na *graphe hybreos* a penalidade era o exílio, o confisco dos bens ou inclusive a morte.

Por conseguinte, Aríston dentre as suas opções escolheu a ação que envolvia uma pena menor, pois acreditava que as rivalidades entre os jovens poderiam despertar nos juízes o sentimento de simpatia a Cónon, já que o ocorrido poderia ser um fato relativamente corriqueiro e aceitável quando se trata de jovens rivais e por isso não deveria ser punido por uma pena tão severa.¹⁵ Além disso, Aríston também poderia não ter o amparo social para a condução de uma *graphe hybreos*. Nesse tipo de ação, provavelmente os juízes esperavam que o pleito fosse conduzido por uma pessoa que apresentasse um determinado tipo de idoneidade e projeção social, que Aríston não seria capaz de sustentar diante dos juízes.¹⁶ As ações nos tribunais mobilizam vários recursos sociais, tais como o estatuto pessoal, a rede de amigos, os aliados, a atuação no cenário público e a riqueza. Diante dos conselhos dos parentes e amigos de Aríston, pode-se levantar a hipótese de que ele não seria capaz de mobilizar de forma significativa esses recursos, pelo que as hipóteses de sucesso ficariam reduzidas.

A escolha da ação para o ingresso em juízo era cuidadosa, considerando os elementos com a maior possibilidade de vitória e capazes de captar a simpatia dos juízes. O orador trabalha com todas as outras ações para demonstrar a culpa do adversário e, principalmente, expor o caráter ultrajante de Cónon e de seus filhos. Eles são prejudiciais a cidade, pois acreditam que podem se organizar em grupos e agredir impunemente os cidadãos corretos (20), além de constituírem um mau exemplo para os mais jovens, Cónon ao mostrar não ser capaz de disciplinar a prole é igualmente um mau exemplo (22). Além disso, acaba, também por não ser capaz de manter a sacralidade do relacionamento familiar, já que seu filho não lhe tem nenhuma reverência (23). Próximo do final do discurso (39-40), novamente a imagem de Cónon é depreciada com o relato de ações feitas no fim da sua juventude. Ele pertencia a um grupo que era composto por pessoas de caráter duvidoso, sendo que um deles, Báquio, foi condenado à morte pelos juízes como punição para suas infrações. Na

¹⁵ Cohen 1997: 134.

¹⁶ Fisher 1992: 50; Cohen 1997: 122.

companhia desse grupo, segundo o orador, Cónon realizava todos os tipos de atos condenáveis, mas principalmente ultrajes e impiedades. O grupo comia as oferendas destinadas a Hécate, além dos testículos de porco oferecidos em sacrifício quando os magistrados se reuniam. Do mesmo modo, era comum o grupo proferir insultos e perjúrios contra todos com quem se encontravam.

Para complementar a imagem de que Aríston é um bom cidadão, ele afirma que foi buscar o auxílio da justiça nos tribunais e que os mais fracos devem ter o amparo da lei (18). Além disso, complementa, depois da apresentação das leis no parágrafo 24, que se Cónon optou por não processá-lo de acordo com essas normas, tal fato mostra que ele é uma pessoa com muito bom senso e que não gosta de litigar, mas isso não indica que ao silenciar-se seja menos culpado. Para reafirmar suas boas características, Aríston reitera que diante da agressão sofrida não buscou reagir da mesma forma, o que seria o esperado nessa situação, não querendo fazer a justiça com as próprias mãos, pois a expectativa era conseguir reparação através das instituições da cidade, como salienta no parágrafo 33: “É contra aquele que em primeiro lugar me bateu e me fez os maiores ultrajes (μάλισθ' ὑβρίσθην) que busco julgamento, é a ele que eu o detesto e persigo na justiça (δικάζομαι)”.¹⁷ É curioso observar que nesse trecho, ela já aponta para uma animosidade da sua parte. Em outro momento, próximo do final do discurso, Aríston também afirma que levou o caso para o tribunal a fim de obter a justiça contra os ultrajes por Cónon foram cometidos contra ele:

Então, eu desejo confirmar tudo isso com um juramento, e agora juro por todos os deuses e deusas (τοῦς θεοῦς καὶ τῶν θεῶν), por causa de todos vocês, ó juízes, e também por aqueles que estão a minha volta, que sofri de Cónon os agravos que me levaram à justiça, fui atacado e recebi vários golpes que cortaram o meu lábio, exatamente assim, de tal modo que ele teve que ser costurado. Eu o acuso no tribunal para obter justiça (δικήν) dos ultrajes (ὑβρισθεῖς) que ele cometeu.¹⁸

Ao apresentar esse perfil psicológico, o orador busca desarticlar a principal defesa de Cónon, a saber, de que Aríston não é tão inocente assim no conflito e que teve uma participação na briga maior do que estaria disposto a admitir, o que era mais provável de acreditar diante da longa inimizade dos jovens. Isso seria comprovado no testemunho de Cónon de que quando chegou

¹⁷ ἄλλ' ὑφ' οὗ γε πρώτου ἐπλήγην καὶ μάλισθ' ὑβρίσθην, τούτῳ καὶ δικάζομαι καὶ μισῶ καὶ ἐπεξέρχομαι.

¹⁸ Demóstenes, *Contra Cónon*: 41. Ταῦτ' ἐγὼ καὶ τότε ἠθέλησ' ὁμόσαι, καὶ νῦν ὁμνύω τοὺς θεοὺς καὶ τὰς θεὰς ἅπαντας καὶ πάσας ὑμῶν ἕνεκ', ὧ ἄνδρες δικασταί, καὶ τῶν περιεστηκότων, ἢ μὴν παθῶν ὑπὸ Κόνωνος ταῦθ' ὧν δικάζομαι, καὶ λαβῶν πληγὰς, καὶ τὸ χεῖλος διακοπεῖς οὕτως ὥστε καὶ ῥαφῆναι, καὶ ὑβρισθεῖς τὴν δίκην διώκειν.

a ágora, seu filho e Aríston já estavam brigando e que Cónon não deu nenhum golpe nele (31). A partir desse momento até o final do discurso, aparece a temática do falso testemunho. Cónon por seu caráter ultrajante estaria disposto a cometer perjúrio¹⁹, sendo capaz de utilizar qualquer artimanha para conseguir sua vitória no tribunal:

[...] E eu, cuja palavra é mais correta e em tudo digna de maior confiança do que a tua, ó Cónon, desejo que seja prestado esse juramento, não para evitar a justiça sobre os erros cometidos (δίκην ἢ ἄδικηκα), como você faz, mas antes em favor da verdade e para não ser de novo sujeito a ultrajes (προσυβρισθῆναι), pois não penso ganhar essa ação por meio de um falso juramento (κατεπιorkησόμενος).²⁰

A atitude passiva do agredido e os juramentos foram argumentos utilizados por Demóstenes no *Contra Mídias*. O primeiro foi utilizado para ressaltar as características positivas do orador, como um bom cidadão que acreditava na força das leis e no veredito justo dos juízes. Segundo ele, ninguém conduzido pela cólera deveria fazer justiça com as próprias mãos. Todos os incidentes deveriam ser levados as instituições competentes, estipuladas pela cidade, e principalmente os ultrajes deveriam ser julgados nos tribunais, já que os juízes saberiam dar aos que sofreram injustiças o amparo da lei.²¹ Sobre os juramentos, o orador não trabalha na perspectiva do perjúrio, mas constantemente resalta para os juízes o juramento feito por eles de que seus vereditos deveriam obedecer às leis estipulada pela cidade (34, 188 e 212). Na argumentação do orador, a absolvição do seu adversário significaria um desrespeito ao juramento sagrado que todos os juízes fazem antes de iniciarem suas atividades nos tribunais. O recurso desse argumento para atrair a simpatia dos juízes para a causa também está presente em outros discursos como na *Oração da Coroa* (1-2) e no *Sobre os mistérios* de Andócides (9).

Dessa forma, mesmo enfrentando uma situação difícil de conseguir vencer, já que o próprio Aríston poderia ser também responsável pela violência praticada, Demóstenes, com bastante habilidade, explora de forma ampla as circunstâncias do envolvimento de Cónon na rivalidade entre os jovens e utiliza os mecanismos de persuasão para construir uma imagem positiva de Aríston e convencer os

¹⁹ O juramento tem um caráter sagrado, já que a pessoa ao realizá-lo entra em contato com as forças sobrenaturais. Quebrar um juramento significaria mentir para a divindade e por isso tal ato poderia ser considerado uma ação ímpia.

²⁰ Demóstenes, *Contra Cónon*: 40. ἐγὼ τοίνυν ὁ δικαιότερόν σου πιστευθεῖς ἂν κατὰ πάντῃ, ὧς Κόνων, ἠθέλησ᾽ ὁμόσαι ταυτί, οὐχ ὑπὲρ τοῦ μὴ δοῦναι δίκην ὧν ἠδίκηκα, καὶ ὅτι οὖν ποιῶν, ὡσπερ σύ, ἄλλ᾽ ὑπὲρ τῆς ἀληθείας καὶ ὑπὲρ τοῦ μὴ προσυβρισθῆναι, ὡς οὐ κατεπιorkησόμενος τὸ πρᾶγμα.

²¹ Demóstenes, *Contra Mídias*: 76.

juízes de que ele foi gravemente lesado. Em oposição, os adversários são desenhados como representantes da *hybris* por excelência. Essas considerações são importantes para entender as razões de que mesmo sendo Ctésias o inimigo original de Aríston, a ação foi movida contra o seu pai, que nas acusações do orador, além da sua própria *hybris* cometida, é do mesmo modo, tanto culpado por não disciplinar o filho da maneira correta, como por participar de uma briga que não era sua, incentivando o seu filho a praticar a violência.

Além de todos os aspectos acima elencados para a composição da *hybris* dos adversários, mais um será essencial para a demonstração do ultraje: a descrição da agressão. A violência é narrada com uma riqueza de detalhes que impressiona o leitor.²² Parte da estratégia para a descrição da agressão é a repetição do termo *hybris* e de outros, correlacionados como, por exemplo, *aselgeia*²³ que aparece nos parágrafos 2, 4, 5, 13, 25, 26.²⁴ A combinação desses termos constitui o pilar central da acusação.²⁵

Apesar de o discurso ser uma *dike aikeias*, a quantidade de vezes que o termo *hybris* aparece é ostensiva. Há um total de 28²⁶ ocorrências, nos parágrafos 1, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 28, 32, 33, 37, 40, 41, 43 e 44. Na maioria dos casos, o termo tem apenas uma ocorrência por parágrafo, com exceção dos números 1, 13, 24 e 43, que possuem duas ocorrências. Os parágrafos 1 e 24 tratam da possibilidade de Cónon ser processado pela lei que pune o ultraje. O parágrafo 13 narra o testemunho das pessoas que estavam próximas a Aríston no momento em que sua condição física ficou abalada depois da agressão. E por fim, o 43 é uma reafirmação de que Cónon fez um ultraje e por isso deve ser punido:

Mas Conón irá rogar e chorar. Porém, vocês devem antes examinar quem é mais digno de compaixão (ἐλεϊνότερος): será aquele que sofreu como eu sofri

²² O exagero na descrição da agressão serve para simpatia dos juízes, demonstrando os perigos do comportamento envolvido pela *hybris*, principalmente as consequências da embriaguez. Fisher 1992: 63.

²³ Os significados para o termo no dicionário grego português (2006) são ‘imprudência’, ‘insolência’, ‘grosseria’ e ‘libertinagem’.

²⁴ Outros termos correlacionados são *paroinia*, ‘excesso provocado pela embriaguez’, (4, 5, 14, 16); *anaideia*, ‘falta de respeito’ ou de ‘vergonha’, (33, 37, 38, 42) *poneria*, ‘perversidade’ (37). Fisher 1992: 50.

²⁵ Halliwell 1991: 287.

²⁶ O número total de 28 ocorrências ocorre nas edições que seguem o mesmo texto que está disponível no *Thesaurus Linguae Graecae* [Ed. W. Rennie (1931), Oxford: Clarendon Press, Repr. 1960.]. O texto da edição italiana, utilizado como referência para a tradução, contém 27 ocorrências. No parágrafo 8 no lugar do termo *hybrizantes* tem-se *paiontes* (*paio*, bater, espancar). Segundo o tradutor Maspero, na nota que antecede as traduções, o texto utilizado segue o estabelecido por J. H. Vince dos Clássicos da Loeb, da qual ele discorda em poucos pontos. Entretanto, não há qualquer indicação ao longo do texto ou nas notas do final da tradução das razões da divergência com o texto de Vince e em quais pontos o texto grego foi modificado.

da parte dele, no caso de receber este novo ultraje (προσυβρισθείς) ter de ir embora sem haver obtido justiça (δίκης), ou será Cónon, ao ser justamente entregue a justiça (δίκην). Qual será pois mais do vosso interesse: que seja lícito surrar e ultrajar (ὕβριζειν) ou não? Eu acredito que não. Pois bem, se deixarem-no ir em paz, muitos serão como ele, mas se o castigarem, o número será menor.²⁷

A importância da *hybris* para a argumentação do orador se torna mais expressiva se considerarmos o tamanho do discurso. No total, ele possui 44 parágrafos, sendo que em mais da metade há uma citação da *hybris*.

Ao se observar a posição das ocorrências, nota-se que o discurso inicia e finaliza com a temática da *hybris*. A primeira palavra do discurso é *hybristheis*, participio aoristo passivo, que significa ser tratado de forma ultrajante. Isso deixa claro que a intenção do orador é convencer os juizes dos atos ultrajantes do adversário. Ao iniciar com esse tema, ele cria na audiência uma expectativa, instigando-a a conhecer as razões pelas quais Cónon seria culpado. Os juizes escutam a narrativa dos acontecimentos depois de ter sido formulada uma ideia preconcebida que esses seriam ultrajantes. Para finalizar sua argumentação, e consolidar a ideia do ultraje, o orador se coloca em conformidade com que é estipulado pela *pólis*, e, por seguir esses valores, considera inadmissível um cidadão ser ultrajado: “Mesmo que fôssemos todos, de comum acordo, pessoas mais funestas e perversas do que estes, isso não seria por certo razão para nos baterem e ultrajarem (ὕβριστέοι).”²⁸

Como já foi apontado, de forma semelhante, Demóstenes utiliza a operação da repetição exaustiva de um termo. O *Contra Mídias* possui um total de 131 ocorrências do termo *hybris* distribuídas nos 227 parágrafos que compõem o discurso. Apesar dessa grande recorrência, nenhum dos dois discursos é uma *graphe hybreos*.²⁹ Mas de forma semelhante, nos dois o ultraje vai desempenhar um papel importante para a construção da imagem negativa do adversário e para engrandecer o delito cometido por ele. O argumento da *hybris* também serve para demonstrar que as ações dos adversários têm uma dimensão pública negativa maior do que uma simples rivalidade. Dessa maneira, os atos são

²⁷ Demóstenes *Contra Cónon*: 43. ἀλλὰ δεήσειται Κόνων καὶ κλαίσει. σκοπεῖτε δὴ πότερός ἐστιν ἐλεινότερος, ὁ πεπονθὼς οἷ· ἐγὼ πέπονθ' ὑπὸ τούτου, εἰ προσυβρισθεὶς ἄπειμι καὶ δίκης μὴ τυχών, ἢ Κόνων, εἰ δώσει δίκην; πότερον δ' ὑμῶν ἐκάστῳ συμφέροι ἐξεῖναι τύπτειν καὶ ὕβριζειν ἢ μὴ; ἐγὼ μὲν οἴομαι μὴ. οὐκοῦν, ἂν μὲν ἀφιῆτε, ἔσονται πολλοί, ἐὰν δὲ κολάζητε, ἐλάττους.

²⁸ Demóstenes *Contra Cónon*: 44. εἰ γὰρ δὴ ὁμολογουμένως ἔτι τούτων καὶ ἀχρηστοτέροις καὶ πονηροτέροις ἡμῖν εἶναι συνέβαινεν, οὐ τυπτητέοι, οὐδ' ὕβριστέοι δῆπου ἐσμέν.

²⁹ Rowe 1993: 397. A questão do tipo de ação apresentada no *Contra Mídias* é muito debatida entre os especialistas. Alguns defendem que a segunda parte do discurso seja uma *graphe hybreos*, como por exemplo, Rudhardt (1964: 101) e Harris (1989: 125). Eu sou favorável a tese de que todo o discurso constitui uma *probole* (Leite 2009: 35-42).

prejudiciais a toda coletividade e por isso devem ser punidos de forma severa.

O *Contra Cónon* se desenvolve em torno da temática da violência e das consequências negativas de sua exposição, que podem ocorrer em três níveis: físico, verbal e simbólico. A violência pode ser entendida como um conjunto de atos que modifica de forma brusca o estado natural das coisas; sua intensidade é medida a partir dessa modificação que produz na realidade. Por isso, ela é difícil de ser mensurada. Dessa forma, ao falar da violência estamos nos remetendo a uma alteração de uma determinação estipulada pela coletividade a ser seguida. Falar de violência é ao mesmo tempo se remeter a uma ordem, a uma norma, que foi quebrada e que produz consequências negativas para o grupo.

Cónon e seus filhos realizaram uma violência, pois rebaixaram um cidadão da condição que normalmente lhe é própria, alterando assim a ordem determinada pela *pólis*. Além disso, eles praticaram os três tipos de violência, que são expostos no discurso por meio de diferentes métodos.

No início do discurso, a ênfase é para a violência física já que após citar a *hybris* narra que sua recuperação das marcas deixadas pelo ato de violência estava desacreditada por seus parentes e médicos, afirmando que por causa disso Cónon era merecedor da pena capital (1). Depois, ele prossegue narrando um incidente durante sua efebia. Aríston, enquanto estava numa guarnição na fronteira da Eubeia, foi agredido pelos filhos de Cónon, que já tinham um comportamento reprovável nessa época, pois eles, juntamente com os outros amigos de seu bando, estavam constantemente embriagados e realizavam muita balbúrdia, sendo um grande incômodo para o acampamento (3-5). Apesar disso, eles não sofriam qualquer tipo de represália, já que eram protegidos por Cónon, o que é mais um indício de que ele poderia ocupar uma situação de destaque dentro da sociedade ateniense.

Dois anos depois, enquanto Aríston estava passeando com um amigo de nome Fanóstrato pela ágora à noite, foram perseguidos pelos filhos de Cónon e também por ele, sendo que todos estavam embriagados (7-8). Fanóstrato conseguiu fugir, mas Aríston foi agredido brutalmente e depois foi dito a ele vários insultos e palavras vulgares que por respeito aos juízes ele se recusou a repetir no tribunal (9).³⁰ De acordo com o seu ponto de vista, essa agressão aconteceu de forma totalmente inesperada, sem que ele tenha realizado qualquer tipo de provocação. Sendo assim, tal violência física e verbal é decorrente do caráter ultrajante de toda a família do agressor e da incapacidade do pai em educar de forma adequada os seus filhos.

A gravidade da violência é comprovada pelo testemunho do médico

³⁰ Demóstenes, *Contra Mídias*: 79 utiliza o mesmo argumento para indicar que o seu inimigo disse palavras tão vergonhosas e insultantes diante de sua mãe e irmã quando invadiu a casa do orador, que não teria coragem de repeti-las diante dos juízes, pois consideraria isso uma ofensa.

(11-12), que serve como um argumento técnico, uma evidência. De acordo com o médico, quando encontrou Aríston ele estava com dores em todas as partes do corpo, principalmente no abdômen, circunstância que o impedia de se alimentar corretamente. Além disso, foi acometido por fortes febres e por uma terrível hemorragia que quase o matou.

A agressão, em todos os seus aspectos, é descrita com uma grande riqueza de detalhes. O início, com as perseguições pelas ruas de Atenas, é narrado de forma minuciosa, que transforma o discurso numa valiosa fonte para a reconstituição do ambiente da ágora na Atenas do século IV a.C., trabalho que foi feito por Fowler (1958). A autora em seu artigo contrapõe o discurso com outras fontes textuais e arqueológicas para reconstruir a topografia do lugar. Millett (1998), num trabalho que discute os diversos tipos de encontros realizados na ágora, demonstra o caráter público do lugar e a sua importância para o desenvolvimento de vários aspectos da vida política, social, religiosa e econômica da *pólis*, constituindo, assim, o centro simbólico de toda a cidade. As relações pessoais na Atenas clássica são expressas através do respeito ao contexto físico da cidade.³¹ Por isso, a inserção de detalhes topográficos deveria surtir alguma empatia nos juízes, já que haveria para eles alguns lugares onde se deveria portar com mais respeito, como por exemplo, na ágora.

A violência começou diante do Leocório. O local era, segundo o mito, sagrado; tratava-se do lugar onde foi ordenado que uma vítima humana fosse imolada para que a cidade voltasse a prosperar. Depois prosseguiu no Ferefátio, um templo dedicado a Perséfone. Assim, a perseguição se inicia diante de dois lugares considerados sagrados, demonstrando um desrespeito não só para com a condição de cidadão, mas também um desacato à cidade e àquilo que ela institui como sagrado. Nesse trecho, não há referência clara a impiedade, mas sabe-se que era considerado ímpio qualquer autor de crime que fosse cometido nos arredores de um templo. Esse argumento não foi explorado por Demóstenes, possivelmente por que seu foco era rebater um possível contra-argumento de Cónon de que a ágora era um ambiente de competitividade recíproca.³² O orador esperava atenuar esse argumento perante os juízes com a indicação de que Cónon e seus filhos estavam bêbados depois de participar de um *symposium* e ocupavam as ruas com atividades claramente anti-democráticas: perseguir e espancar outros cidadãos. Além do ultraje feito por causa da agressão, eles, como foi mencionado, cometerem *hybris* em não respeitar os espaços públicos.

A violência se torna ainda um ultraje mais grave, quando Cónon começa

³¹ Millett 1998: 206.

³² Millett 1998: 228.

a imitar um galo. Nesse momento, acontece a violência simbólica. Suas consequências poderiam extrapolar o momento do acontecimento, acarretando graves prejuízos para a vida social da pessoa. Isso porque um homem que sofreu *hybris* poderia tornar um alvo de várias piadas³³, comprometendo assim sua auto-imagem construída diante da sociedade.

O GALO E O RISO: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A descrição da agressão ganha ainda mais vida com a narrativa do canto vitorioso de Cónon sobre seu inimigo que estava deitado na lama, depois de ser surrado e despido (9). Cónon imitava o som de um galo cantando. Ele dobrou os braços e balançou-os como se fossem asas de uma ave. Essa cena para os leitores modernos pode despertar uma estranheza e até mesmo o nosso riso, já que durante as brigas não é comum ver um dos participantes imitando o canto das aves como sinal de vitória.³⁴ Essa estranheza nos provoca uma inquietação que nos leva a questionar a veracidade da cena. Esse quadro pitoresco desenhado por Demóstenes seria real ou não passou de uma criação do orador para atrair a simpatia dos juízes? Na perspectiva de Schmitz³⁵, num debate que discute a plausibilidade nos oradores gregos, essa narrativa deve ser verdadeira, pois ela é demasiadamente estranha para ser lucubração imaginativa, o que poderia causar estranheza na audiência. Como já foi dito antes, é difícil estabelecer a veracidade dos fatos, ainda mais sobre esse ponto no qual no discurso não é apresentado nenhuma provável contra-argumentação de Cónon. Mais frutífero do que discuti-la e perceber os elementos destacados na argumentação que possam provocar qualquer tipo de sentimento dos juízes, seja um sentimento de compaixão pelo agredido, um riso pela teatralidade de Cónon ou uma repulsa ao adversário considerando suas ações terríveis e desmedidas.

O primeiro passo para entender as razões que conduziram a escolha da narração específica desse ato e sua amarração com o elemento central do discurso, que é a *hybris*, é compreender o papel simbólico da imagem do galo para a sociedade ateniense. Depois desse passo cabe-nos analisar se a referência ao galo poderia ser capaz de suscitar o riso, determinar a relação entre o riso e a *hybris* e, por fim, perceber se essa foi uma operação utilizada pelo orador para a construção do caráter de Cónon como um sujeito capaz de cometer diferentes ultrajes.

³³ Cohen 1997: 133.

³⁴ Na cultura brasileira, dobrar os braços e balançá-los como se fosse asas é uma referência a galinha. Quando a pessoa faz isso para seu adversário é para insultá-lo, chamando-o de covarde. Também como sinônimo de covardia do adversário pode imitar o som da galinha.

³⁵ Schmitz 2000: 68.

A FIGURA DO GALO NA MENTALIDADE GREGA

Antes de iniciar os breves apontamentos sobre a representação do galo na mentalidade grega, é importante ressaltar que nossa percepção da realidade está pautada numa perspectiva urbana e industrial, que é alimentada pelos meios de comunicação em massa atuais e pelo desenvolvimento de novas mídias digitais. Isso faz com que se esqueça com facilidade as metáforas do mundo rural e quando se depara com elas, elas nos provocam uma estranheza, como é apresentada na posição de Schmitz. Isso gera no leitor moderno uma inquietação ao se deparar com o galo associado a luta e sendo utilizado como metáfora para rebaixar o adversário. Essa bizarrria diminui ao lembrarmos que, também na atualidade, o galo é considerado um animal combativo, protagonista, em diversas partes do mundo, das rinhas que conseguem atrair uma quantidade considerável de pessoas, mesmo quando o país as declara uma atividade ilícita. A prática das rinhas remonta desde Antiguidade. Especificamente no caso ateniense, era uma atividade muito popular, compondo a diversão principalmente dos jovens. As rinhas aconteciam em diversos pontos da cidade, sendo comum na *Ágora*.³⁶ Algumas vezes eram realizadas no teatro. Os jovens eram incentivados a assistir toda a luta que era considerada um espetáculo, pois era uma forma de externar a potência viril, aspecto valorizado pela cultura ateniense. No teatro, o galo é o símbolo do *agon*, sendo representado ao lado de Dioniso.

Além da sua associação com o combate, em diferentes culturas o galo foi considerado um animal representativo da fertilidade e da lascívia. Mesmo representando essas características em várias sociedades, a representação do galo na sociedade ateniense irá adquirir contornos próprios devido as suas peculiaridades socio-históricas, como demonstra Csapo em dois artigos (1993a, 1993b). Nesses trabalhos, é demonstrado que serão os valores dominantes dessa sociedade que irão transformá-lo em um símbolo de virilidade. A imagem da ave está, portanto, relacionada com as noções de sexo, violência e dominação. Esse conjunto de relações foi utilizado para representar as relações de poder existentes na sociedade na época. O galo representaria as forças básicas que constituem a sociedade ateniense³⁷, demonstrando a sua redistribuição desigual de poder e suas disputas pela conquista de um estatuto social. E por representar esse constante estágio de conflito, a aparição mais comum do galo nas artes e na literatura acontece no contexto da rinha³⁸, pois ela demonstra a própria luta dos homens que acontece em diferentes níveis na competitiva sociedade ateniense. Cada um, na sua busca pelo reconhecimento do outro, gera elementos díspares que produzem atritos e os resultados podem ser vistos no estabelecimento de

³⁶ Millett 1998: 215.

³⁷ Csapo 1993a: 26.

³⁸ Csapo 1993a: 9.

grupos rivais. Assim, a competitividade do galo é utilizada para expressar as relações entre os homens, bem como os sentimentos despertados por elas.

Essa natureza bélica da ave a aproximava de Ares, sendo ela oferecida ao deus e também a Hércules. Já sua fertilidade e luxúria o tornava próximo de Afrodite. Por pertencer aos domínios de Ares e de Afrodite, o galo era o presente preferido dos casais homossexuais masculinos, sendo dado pelo homem mais velho ao jovem alvo do seu amor. Assim, o galo também representa a homossexualidade, com suas contradições³⁹, já que ela também tem um componente de dominação. Ademais, o galo era oferecido a outras divindades, tais como Leto, Hermes, Deméter, Perséfone e Asclépio⁴⁰, pois era considerado uma criatura liminar, por causa da sua natureza, já que canta sempre ao amanhecer. Como símbolo liminar, julgavam-no pertinente à simbologia da transição da noite para o dia, marcando assim o tempo. Estava associado à vida, à morte e ao renascimento⁴¹, como demonstra Luciano, ao transformar o galo numa das personagens centrais de *O sonho ou o galo*, em que o animal passa por diversas vidas sendo uma delas o ilustre filósofo Pitágoras.

O galo na mentalidade grega simbolizava a soberba, a belicosidade, o litígio ou o *agon*, o ardor amoroso incontrolável e o canto. O desenvolvimento dessas características simbólicas está diretamente relacionado com as características físicas e o comportamento natural típico do galo, que o diferencia das demais aves. Os galináceos têm uma alta fertilidade. As galinhas estão sempre copulando: todos os dias, em qualquer lugar e mais de uma vez ao dia. Essas características facilmente indicam a lascívia que também é expressa pelo comportamento agressivo, já que os galos brigam para assegurar a dominação sexual em todo o galinheiro. Outros elementos físicos remontam também a uma conotação fálica, já que ele tem uma tiara ereta de cor avermelhada, que se acentua no momento dos combates. A virilidade de um galo é representada por sua crista, já que quando ele é castrado, o vermelho perde sua expressividade tornando-se opaco. As esporas nos pés dos galos também são outro símbolo da sua combatividade, indicando que estão sempre prontos para brigar e brigam por quase tudo. Quando vencem, os galos anunciam sua vitória com um forte canto. É essa atitude que vai ser utilizada pelo orador para demonstrar a *hybris* do seu adversário.

Na mentalidade ateniense, já havia uma associação entre o canto vitorioso e uma postura soberba, que poderia conduzir a um destino nefasto. Esses aspectos são apresentados por Esopo em *Os dois galos e a águia*. Nessa fábula, dois galos lutam por causa de uma galinha. O vitorioso, imbuído de vaidade e

³⁹ Csapo 1993a: 22.

⁴⁰ Most (1993) analisa as conotações para o pedido de Sócrates para que seja sacrificado um galo a Asclépio, no final do *Fedro*.

⁴¹ Csapo1993a: 8.

orgulho, sobe no ponto mais elevado de uma árvore e canta bem alto. Então, de repente, surge uma águia e o captura. O perdedor sai do esconderijo e passa a perseguir as galinhas des preocupadamente.

Esopo em mais duas outras fábulas registra a índole competitiva do galo. Em *Os galos e a perdiz* a competitividade conduz ao excesso. O poeta narra que um agricultor compra uma perdiz e a leva para ser criada junto com os seus galos. Quando chega, a perdiz é atacada pelos galos. Ela pensa que a rejeição e a agressão eram consequência de ela ser de uma espécie diferente. Logo depois, ela vê dois galos brigando até sangrar e termina sua reflexão afirmando que não precisava mais se preocupar, pois os galos não poupam nem os da própria espécie. Nesse caso, o excesso é marcado pelo sangramento, indicando a extrema violência em que foi conduzida a disputa e também pela capacidade de agredir de forma brutal o semelhante.

Na associação, o homem, da mesma forma que o galo, briga com seus semelhantes até sangrarem e depois anuncia sua vitória para que possa ser admirado por todos. O canto do galo além de ser sinal de sua vaidade também indica sua virilidade⁴², sendo sua voz capaz de espantar um animal tão feroz quanto o leão. Em *O asno, o galo e o leão*, Esopo conta que um galo ciscava perto de um asno quando surgiu um leão que atacou o asno. O galo começou a cacarejar e o leão fugiu. Daí vê-se a razão de, segundo a tradição grega, o canto dos galos ser capaz de assustar os próprios leões.

A figura do galo com o seu canto vitorioso e sua atitude soberba foi utilizada por Ésquilo em *Agamêmnon* para a representação de Egisto cioso de sua vingança contra o rei, planejada ao lado de Clitemnestra. O corifeu, no êxodo, se dirige a ambos e pronuncia: “Vangloria-te, mostra-te corajoso, como um galo ao pé da galinha.”⁴³

Todos os elementos acima relacionados nos ajudam a entender as razões para que o galo fosse o animal escolhido para representar os valores da cultura ateniense⁴⁴ e a sua inserção no discurso de Demóstenes.

CÓNON E A IMITAÇÃO DO GALO

A imitação do galo por Cónon possui um elevado grau de violência simbólica. O seu canto vitorioso sobre o corpo prostrado de Aríston, que não conseguia ter forças nem para se levantar nem para falar (8), tem a intenção de humilhar o adversário remetendo a um apelo erótico e agressivo, pois o galo sodomiza o derrotado.

⁴² Csapo 1993a: 14.

⁴³ Ésquilo, *Agamêmnon*: 1671. Tradução de Pulquério (2007). Aristófanes, *Rãs*: 935, faz uma referência a essa passagem, questionando se era realmente necessário colocar um galo em cena.

⁴⁴ Csapo 1993b: 124.

Essa imitação é uma forma de *hybris*, pois rebaixa o cidadão do seu estatuto natural e o ridiculariza na frente de todos, tornando-o motivo de piada. O riso despertado nesse episódio será utilizado pelo orador para demonstrar o caráter humilhante do ato do adversário e a intencionalidade de cometer a *hybris*.

O RISO DA AUDIÊNCIA

Os tradutores de tragédias e comédias enfrentam, com muita frequência, diferentes percalços no seu ofício. Um dos mais difíceis é recriar os aspectos não textuais presente nas peças, como por exemplo, os gestos e as entonações realizados pelos atores e as metáforas e alegorias realizadas por eles. Essa dificuldade se dá pelo fato das nossas fontes serem majoritariamente o texto escrito, tornando as informações sobre esses aspectos restritas e escassas. Semelhantemente, os estudiosos dos oradores também enfrentam dificuldade em estabelecer como os elementos não textuais podem ser utilizados de forma persuasiva, para se tornar mais um ingrediente para atrair a simpatia dos juízes. Dentre esses elementos, o riso constitui um elemento não textual importante e, na maioria das vezes, é utilizado com o intuito de depreciar o adversário. O riso pode expressar diferentes sentimentos tais como uma simples zombaria, culpa, hostilidade, vergonha e uma depreciação que seria um indicativo da *hybris*.

O riso tem uma relação estreita com a *hybris*, pois por meio dele pode-se expressar a ultrapassagem de um limite que é estabelecido na coletividade. Zombar de uma pessoa é uma forma de rebaixá-la da condição a qual pertence. O riso considerado *hybris* é associado a termos negativos que servem para ridicularizar e envergonhar o outro.

Para reconstituir o riso, primeiramente tem-se que pensar nos elementos que o despertam. As cenas que são cômicas para nós, não o eram necessariamente para os gregos antigos e vice versa. Uma forma fácil de iniciar a nossa tarefa é separar numa leitura preliminar do texto as passagens que nos despertam o riso, como a imitação do galo, e depois investigar se na passagem há alguma referência a elementos que os atenienses considerariam engraçados ou mesmo alguma referência ao riso.

No nosso caso de estudo, nos parágrafos anteriores a narrativa da imitação (4 ao 6), o orador utiliza vários termos para marcar o riso hostil dos agressores. Na contra argumentação de Cónon, o riso zombeteiro é um dos comportamentos típicos dos jovens e por isso tudo, inclusive a imitação do galo, não passaria de uma simples brincadeira. Já Demóstenes apresenta o riso expresso pela juventude como um sinal de perigo, já que representaria um desequilíbrio das relações estipuladas pela sociedade. Assim, na sua ótica, a punição de Cónon era uma medida eficaz para assegurar que o riso prejudicial fosse contido, assim

preservando a ordem social⁴⁵, já que com o caráter pedagógico da pena, outros jovens não cometeriam abusos no momento de se expressar seus sentimentos, principalmente suas rivalidades.

Outra cena de comicidade aparece no *Contra Mídias*. O tom sério e concentrado da narrativa é quebrado com a descrição dos mistérios existentes em torno do nascimento de Mídias. Demóstenes conta que a mãe verdadeira de seu adversário é a mais inteligente dentre todas as mulheres. Já sua mãe adotiva é a mais estúpida. A sua explicação para essas afirmativas é que a primeira logo no nascimento se desfez dele, dando para sua mãe de criação, que podendo escolher qualquer criança o comprou (150). Não é possível confirmar a informação apresentada por Demóstenes. O mais provável é que a venda de Mídias quando ainda um bebê tenha sido inventada pelo orador. Essa afirmação que parece ser estranha e descolada do texto, ganha sentido se analisada através da perspectiva de que um dos objetivos do orador era criar uma polarização entre Mídias e ele. Com isso, há demonstração de que o primeiro somente se transformou num rico cidadão ateniense por um golpe do destino. Essa rejeição na terna infância poderia facilmente se transformar em um motivo de piada, depreciando o adversário, um dos objetivos de Demóstenes.

Os exemplos demonstram que diferentes tipos de riso podem ser despertados na audiência. De uma maneira geral pode-se dividir o riso em dois tipos.⁴⁶ O primeiro é espontâneo e não traz grandes consequências sociais, pois está de acordo com as convenções compartilhadas por todos aqueles que participam do riso. Além disso, ele é decorrente de uma apreciação diante de um fato e é acompanhado de um relaxamento corporal e mental. O segundo é o riso consequente, feito com uma intenção. Na maioria das vezes, o intuito é causar vergonha, constrangimento ou denegrir uma reputação, como no caso de Mídias e Demóstenes. Esse tipo de riso provoca a ridicularização do outro e desperta sentimento antagônicos de aprovação e reprovação dentro da sociedade. Esse é o tipo de riso que na visão do orador deve ser contido e se torna perigoso se é continuamente manifestado pelos jovens.

Os discursos podem apresentar técnicas de difamação capazes de beirar a comicidade. O riso como arma retórica serve para medir a resposta do público diante dos argumentos apresentados e fazer com que o orador perceba se sua audiência está em sintonia com a exposição dos argumentos. Por outro lado, o riso, principalmente o praticado fora da hora, também pode indicar o oposto, que os argumentos não convenceram os juízes e por isso estão sendo desprezados por eles.

O riso constitui uma arma utilizada entre os inimigos com o objetivo de se ofenderem. Essa prática social pode indicar um sentimento de punição

⁴⁵ Halliwell 1991: 288.

⁴⁶ Halliwell 1991: 182-3.

ou de vingança e até mesmo pode ter um sentido educativo. O homem que se sente muito superior aos outros, quando se torna alvo de piadas, tem a sua condição rebaixada, sendo o riso um alerta para o homem da sua condição de mediocridade, e como ele é um ser frágil no *kosmos* e que sua sorte pode mudar a qualquer instante. Dessa forma, partes das narrativas que provocam o riso são escolhidas deliberadamente pelos oradores para alcançar o seu objetivo, seja para despertar o riso da plateia e por meio disso produzir a diminuição do *ethos* do adversário, seja para mostrar seu caráter inadequado.

O estudo do riso nos discursos desperta nossa atenção para a ideia de uma teatralidade presente nas reuniões públicas atenienses, o que não significa que elas não possuíssem uma solenidade e uma sobriedade. Deve-se pensar que o riso para a mentalidade ateniense não seria tão estranho ao ambiente solene quanto o é para nós. Os atenienses colocaram o riso dentro do próprio ambiente sagrado, como é fácil lembrar através da execução das comédias nos teatros durante os festivais religiosos.

Assim, diante dos pontos colocados ao considerar a menção da imitação do galo no discurso por Demóstenes deve-se antes pensar na familiaridade dos gregos com as brigas de galo e a imagem que essa ave ecoa com o seu canto vitorioso na mentalidade da época. A partir daí, perceber-se claramente que a narração deste episódio foi utilizada com o intuito de demonstrar que Cónon além de ser culpado da agressão, também é culpado de *hybris*.

A VIOLÊNCIA COMO UMA DAS FACETAS DA *HYBRIS*.

A repetição da *hybris* nos discursos de Demóstenes, especificamente nesse e no *Contra Mídias*, indica que essa estratégia persuasiva teria boas chances de atrair a simpatia dos juízes, sendo um termo com um forte conteúdo moral, ao indicar um insulto à honra do sujeito.⁴⁷ Mesmo não sendo o objeto central da acusação, a repetição nos discursos serve para demonstrar a culpa do adversário e que isso é uma consequência do mau uso da sua condição social dentro da cidade. Cónon e Mídias praticam ultrajes porque estão apoiados por suas riquezas, já que muitos temem em denunciá-los.⁴⁸ Já os filhos de Cónon teriam esse comportamento por causa da idade, pois a juventude era considerada a idade dos excessos. Era *topos* comum a associação entre a *hybris* com a riqueza e a juventude. Para Aristóteles, os ricos e jovens agem de maneira ultrajante, pois consideram que através da depreciação do outro conseguiram se distinguir dos demais. O filósofo complementa que o prazer do ultraje advém da crença de que ao rebaixar o outro está se tornando automaticamente superior a todos.⁴⁹

⁴⁷ Cohen 1997: 20.

⁴⁸ Demóstenes, *Contra Cónon*: 5, 6, 44; Demóstenes, *Contra Mídias*: 66, 96, 135, 138.

⁴⁹ Aristóteles, *Retórica*: II. 1378b.

A ênfase a esse *topos* permite o orador explorar na sua estratégia persuasiva um sentimento de ressentimento contra os ricos que agem de forma indevida com relação à cidade, que são aqueles mais propensos a cometer ultrajes.

Dessa forma, a narrativa da agressão se destaca pela riqueza de detalhes expostos que dá ao ouvinte a ideia clara de um quadro pitoresco que envolvia a agressão desenvolvida por um grupo de jovens baderneiros. A descrição ainda se torna mais vívida com a narrativa da imitação de galo feita por Cónon, que se torna o símbolo de seu descuido legal e da sua *hybris*. Além disso, essa narrativa tornaria Cónon capaz de realizar todos os atos dos quais é acusado. Essa ênfase nos detalhes tem o objetivo de atingir a esfera emocional dos juízes, já que facilita a construção de apelos emocionais, tornando-os predispostos a condená-lo.

BIBLIOGRAFIA

AUTORES ANTIGOS

- Antifonte (2008), *Testemunhos, fragmentos, discursos*. Prefácio e tradução Luíz Felipe Bellintani Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola.
- Aristóteles (2005), *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- Ésquilo (2008), *Agamêmnon*. Introdução, tradução e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. Coimbra: FESTEIA – Tema Clássico.
- Demostene (1994), *Contro Midia; Contro Conone*. A cura di Francesco Maspero. Milano: Arnoldo Mondadori Editore.
- Demóstenes (1980-1985), *Discursos políticos*. Introducciones, traducciones y notas de A. López Eire. Madrid: Gredos.

AUTORES MODERNOS

- T. V. R. Barbosa (2009), “As rinhas de galo como exercício para a postura da *persona* trágica”, *Biblos* n.s. VII: 245-261.
- P. Carlier (2006), *Démosthène*. Paris: Fayard.
- P. Cartledge, P. Millett (1998), *Kosmos: essays in order, conflict, and community in classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press.
- P. Cartledge, P. Millett, S. Todd (2002), *Nomos. Essays in Athenian Law, politics and society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- D. Cohen (1994), *Law, sexuality and society: The enforcement of morals in classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1997), *Law, violence and community in classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press.
- E. Csapo (1993a), “Deep ambivalence: notes on a Greek Cockfight (Parts I)”, *Phoenix* 47. 1: 1- 28.
- (1993b), “Deep ambivalence: notes on a Greek Cockfight (Parts II-IV)”, *Phoenix* 47. 2: 115-124.
- N. R. E. Fisher (1976), “‘Hybris’ and Dishonour: I”, *Greece & Rome* 23. 2: 177-193.
- (1979). “‘Hybris’ and Dishonour: II”, *Greece & Rome* 26. 1: 32-47.

- (1992), *Hybris. A study in the values of honour and shame in Ancient Greece*. Warminster: Aris & Phillips.
- E. S. Forster (1943), “Guilty or Not Guilty? Four Athenian Trials”, *Greece & Rome* 12: 21-27.
- B. H. Fowler (1958) “Demosthenes 54: a topographical note”, *Classical Philology* 53, n. 3: 174-175.
- S. Halliwell (1991), “The uses of laughter in Greek culture”, *Classical Quarterly* n. s. 41. 2 279-296.
- E. M. Harris (1989), “Demosthenes’ Speech against Meidias”, *Harvard Studies in Classical Philology* 92: 117-136.
- A. R. W. Harrison (1971), *The Law of Athens*. II. Oxford: Clarendon Press.
- P. G. Leite (2009), *Contra Mídias: a utilização da impiedade por Demóstenes*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais.
- D. M. MacDowell (1986), *The Law in Classical Athens*. New York: Cornell University Press.
- (2009), *Demosthenes the orator*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- G. W. Most (1993), “A Cock for Asclepius”, *Classical Quarterly* n. s. 43. 1: 96-111.
- J. Rudhardt (1964), “Sur la possibilité de comprendre une religion antique”, *Numen* 11. 3: 189-211.
- T. A. Schmitz (2000), “Plausibility in the Greek Orators”, *American Journal of Philology* 121. 1: 47-77.